

## **AVALIAÇÃO COMO DIAGNOSE DO ENSINO DE LEITURA LITERÁRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

*Vanessa Costa de Melo* (Unimontes)

[vanessailais@gmail.com](mailto:vanessailais@gmail.com)

*Maria do Socorro Vieira Coelho* (Unimontes)

[soccoelho@hotmail.com](mailto:soccoelho@hotmail.com)

### **RESUMO**

Neste artigo, apresentam-se resultados da pesquisa diagnóstica realizada com alunos do ensino fundamental na Escola Estadual de Boa Vista, Januária, Minas Gerais. Constatou-se, por meio de observação aleatória, que alguns adolescentes gostavam de ler obras literárias, enquanto outros não, ou mesmo apresentavam resistência à leitura deste gênero textual. Para tanto, utilizou-se como aporte teórico obras que tratam da relevância do incentivo à leitura de obras literárias; narram sua história a partir do século XVII, época durante a qual se lia em latim, mas apenas tendo como meta a decodificação, sem considerar a compreensão; enfatizam a leitura não apenas como processo de decodificação, mas também de construção de sentidos, o que só pode acontecer por meio da compreensão textual, sendo esta, por sua vez, consequência do hábito de leitura. A metodologia usada incluiu as pesquisas bibliográfica e quantitativa. A primeira por abordar autores cujas obras delinearão a importância do hábito da leitura, sua relação com a aprendizagem escolar e o papel do professor como mediador no incentivo à leitura de obras literárias. A pesquisa quantitativa auxiliou a análise e discussão de dados tabulados a partir do resultado de um questionário diagnóstico com 12 questões sobre leitura aplicado a todos os 67 alunos dos Anos Finais da referida escola. Os resultados deste trabalho evidenciaram a relevância do papel da escola e da família no incentivo à leitura, e apontaram que a escola em tela precisa adaptar suas práticas para sanar as dificuldades com a decodificação, fluência e compreensão leitora, condições indispensáveis para se formar um leitor assíduo e competente.

### **Palavras-chave:**

**Diagnose. Educação Básica. Hábito de leitura.**

### **RESUMEN**

En este artículo presentamos resultados de una investigación de diagnóstico realizada con estudiantes de la escuela primaria de la Escola Estadual de Boa Vista, Januária, Minas Gerais. Se encontró, a través de observación aleatoria, que a algunos adolescentes les gustaba leer obras literarias, mientras que a otros no, o incluso mostraban resistencia a la lectura de este género textual. Para ello se utilizó como aporte teórico trabajos que versan sobre la relevancia de incentivar la lectura de obras literarias; narran su historia desde el siglo XVII en adelante, época en la que se lee latín, pero sólo con el objetivo de decodificar, sin considerar la comprensión; enfatizar la lectura no sólo como un proceso de decodificación, sino también de construcción de significado, lo que sólo puede ocurrir a través de la comprensión textual, que, a su vez, es una consecuencia del hábito lector. La metodología utilizada incluyó investigación bibliográfica y cuantitativa. El primero se centra en autores cuyas obras exponen la importancia del hábito de lectura, su relación con el aprendizaje escolar y el papel del docente como mediador

en el fomento de la lectura de obras literarias. La investigación cuantitativa ayudó al análisis y discusión de datos tabulados a partir de los resultados de un cuestionario de diagnóstico con 12 preguntas sobre lectura aplicado a los 67 estudiantes de los últimos años de esa escuela. Los resultados de este trabajo resaltaron la relevancia del papel de la escuela y la familia en el fomento de la lectura, y señalaron que la escuela en cuestión necesita adaptar sus prácticas para superar dificultades en la decodificación, la fluidez y la comprensión lectora, condiciones esenciales para convertirse en una lector diligente y competente.

**Palabras clave:**

**Diagnóstico. Educación Básica. Hábito lector.**

## ***1. Introdução***

O presente artigo tem por finalidade fazer a diagnose acerca dos motivos que levam os alunos da Escola Estadual de Boa Vista<sup>5</sup> a se tornarem leitores. Para esse fim, a metodologia utilizada incluiu a pesquisa bibliográfica em obras que abordavam a importância do hábito da leitura literária, sua função e influência na aprendizagem escolar, suas contribuições para a formação intelectual, social, o amadurecimento cognitivo do indivíduo, e seus benefícios para o desenvolvimento dos conteúdos de diversas áreas do conhecimento, além de discutir sobre o papel do professor como mediador no processo de incentivo à leitura.

Além disso, utilizaram-se teorias que versam sobre as etapas básicas do desenvolvimento do hábito de leitura, como a alfabetização, incluindo o processo de decodificação de palavras, a assimilação de informações explícitas e implícitas do texto e a interação do leitor com o texto. As obras selecionadas destacam, ainda, os meios e maneiras como a escola e o professor podem atuar para criar um ambiente que paulatinamente forme o hábito de leitura.

Na sequência, são apresentados os resultados e a discussão a respeito das respostas ao questionário sobre leitura aplicado aos 67 alunos da referida escola e avaliados os resultados obtidos.

### ***1.1. O hábito de leitura literária e aprendizagem escolar***

Séculos atrás, em que apenas uma pequena elite decodificava sinais gráficos sem a necessidade da compreensão, esse exercício era realizado

---

<sup>5</sup> Essa escola está localizada no Bairro Boa Vista da cidade de Januária, possui atualmente 37 servidores, 225 alunos do 1º ao 9º Ano do Ensino Fundamental, e iniciou suas atividades em 1988.

em público e oralmente. Mas, conforme Menezes (2010), a partir do século XVII, no Ocidente, deu-se o início à leitura, que auxiliava o processo de democratização, porém, devido ao fato de os textos serem escritos em latim, as crianças não compreendiam o que liam.

Atualmente, o conceito de leitura engloba, principalmente, a compreensão do que se lê, além, obviamente, da alfabetização e do letramento literário, sendo que este, segundo Coenga (2010), refere-se às habilidades desenvolvidas pelo leitor, com as quais ele utiliza o texto literário para finalidades específicas, dentro do contexto social em que está inserido, e com uma visão crítica e letrada do que lê.

Similarmente, Silva (2011, p. 23) ressalta que “ler não é, pois, decodificar, traduzir, repetir sentidos dados como prontos, é construir uma sequência de sentidos a partir dos índices que o sentido do autor quis dar a seu texto”. Ler, portanto, é um processo ainda mais complexo que envolve a cognição do indivíduo em sua busca pela construção de sentidos. Por isso, o professor de Língua Portuguesa precisa, primordialmente, focar seu ensino no desenvolvimento do raciocínio e do pensamento crítico ao que se lê, tarefa árdua e inviável quando o sujeito não compreende o texto, fato consequência, muitas vezes, da precária atuação do leitor durante o processo de decodificação.

Nesse sentido, para se formar leitores críticos, é necessário que eles leiam com frequência, adquiram fluência leitora e tenham boa compreensão dos textos. Porém, a pouca frequência na leitura é o principal obstáculo para o letramento, pois ninguém se torna assíduo em uma tarefa na qual não encontra prazer, bem como ninguém consegue gostar daquilo que não compreende.

Logo, a compreensão é o primeiro requisito para se criar o gosto pela leitura, mas não o único, porquanto, também a decodificação é importante neste processo, uma vez que a leitura silabada pode prejudicar a compreensão do que se lê, obviamente, porque o indivíduo se concentra nas letras e sílabas, e não em entender. É nessa direção que a escola, por meio do processo alfabetizador, pode oferecer ao aluno maiores chances de ser um leitor, de fato, habituado à leitura.

Mas, afinal, o que é hábito? É toda ação repetida, de forma que se torne um costume ou mesmo um “vício”. No que tange à leitura literária, ela pode ser considerada, então, o costume de ler obras de literatura. Nesse viés, Neves (2010, p. 48) afirma que “para nos tornarmos leitores é preciso aprender a ler fluentemente, isto é, de forma a ser capaz de decodificar e

atribuir significado às palavras, e querer ler. As duas condições têm de se verificar: competência leitora e vontade”.

Por outro lado, sendo o hábito de leitura importante também para a formação cognitiva e afetiva do indivíduo, faz-se necessária também a colaboração dos pais neste processo, uma vez que, como salienta Menezes (2010), os filhos compreendem a relevância da leitura e tendem a se tornar leitores assíduos, quando observam seus pais que leem e valorizam os livros.

Nesse sentido, a contação de histórias é um meio de incentivo à leitura que pode ser utilizado pelos pais. Apesar de pouco aplicada atualmente, esta atividade pode despertar o gosto pela leitura desde a mais tenra idade, auxiliar no desenvolvimento cognitivo, e influenciar, positivamente, em outras aprendizagens subsequentes, o que, para a escola, é de grande valia.

Sobre o papel da escola, Silva (2011) afirma que o leitor que a escola deve formar precisa ser capaz de extrair inferências, ou seja, aquele que consegue absorver as informações implícitas do texto, a partir dos elementos explícitos para construir seu sentido.

Mas, para atingir este grau de competência leitora, o aluno precisa interagir com o texto, habilidade adquirida, principalmente, em consequência do seu hábito de leitura, atividade que este costume pode tornar agradável e que deve ser adquirido na escola, de tal maneira que não pareça ao aluno uma imposição. Se assim for, contribuirá para o desenvolvimento de competências relacionadas ao letramento literário.

Nessa linha de pensamento, Magalhães (2008) afirma que o gosto pela leitura é o primeiro requisito para o letramento literário, que consiste na autonomia do indivíduo, tanto durante o processo de leitura, no que diz respeito à fruição textual, às habilidades inerentes à leitura e ao prazer de ler, quanto na autonomia do indivíduo nas suas escolhas de leitura. Além disso, o cultivo do imaginário é necessário para o desenvolvimento do ser humano, por isso, a escola precisa oferecer ocasiões em que a leitura seja praticada rotineira e descontraidamente, para que o hábito de ler se torne uma consequência natural.

Também Menezes (2010) ressalta que a leitura é a principal ferramenta de aquisição do conhecimento e aprendizagem dos conteúdos curriculares, além de ser essencial à interação social e à formação linguística e a da personalidade.

Desta maneira, é fundamental que a escola invista no aprimoramento da leitura, que compreende a decodificação, fluência, compreensão e o desenvolvimento de um leitor crítico. Esses fatores fazem parte do processo de formação do hábito de leitura e, conseqüentemente, do processo de aprendizagem do indivíduo, como afirma Silva (2011, p. 28):

Ler é básico para o progresso na aprendizagem de qualquer assunto: velocidade e fluência para ler são essenciais. Há um processo cíclico na leitura fluente, rápida e eficiente: a criança que lê com desenvoltura se interessa pela leitura e aprenderá mais facilmente, e a criança interessada em aprender se transformará num leitor capaz. (SILVA, 2011, p. 28)

Sanar dificuldades de fruição, como identificação e articulação dos fonemas na leitura é imprescindível, ao mesmo tempo em que é preciso oferecer atividades que despertem a curiosidade e o interesse pelo livro, como contação de histórias, teatro, piquenique, visita de escritores, chá poético, saraus, clube do livro, atividades que podem auxiliar nessa tarefa. Somando a vontade de ler à desenvoltura e velocidade da leitura, é possível despertar o gosto pelo ato de ler e concretizar o processo de aprendizagem de conteúdos curriculares dos quais a leitura é o principal critério de exigência.

Em síntese, a leitura é de grande relevância para o sucesso escolar, já que ela é a base para a aquisição de grande parte dos conhecimentos a serem adquiridos. Além disso, tarefas relacionadas à fluência são imprescindíveis para o ato de ler e para a aquisição do hábito de leitura, visto que muitas são as ocasiões de leitura na sociedade atual que exigem tais habilidades.

### ***1.2. A importância do incentivo à leitura***

A leitura é necessária às diferentes esferas da sociedade moderna, como a Educação, Ciência, Tecnologia, Cultura, o desenvolvimento pessoal, entre outras áreas. Não apenas por ser uma habilidade através da qual se adquirem/ conhecimentos, mas também por auxiliar o desenvolvimento individual e coletivo, além de assegurar o direito que todos têm ao saber legítimo, e ler é um deles. Porém, atualmente, a leitura é disponibilizada em diferentes formatos, além dos tradicionais livros impressos.

Menezes (2010) afirma que a atividade de leitura atual se insere na tecnologia e nas mudanças de formatos e dimensões dos livros que possibilitam ler em qualquer lugar. Além disso, as leituras digitais oferecem às crianças uma grande variedade de informações e imagens que ocupam o

tempo e a memória, que concorrem abertamente com os livros impressos. Dessa forma, é preciso encontrar alternativas que viabilizem a leitura em meio à grande variedade de atividades que a tecnologia oferece. O grande desafio, porém, está em oferecer situações em que a leitura seja de fato um ato de prazer.

Em tempo de pós-pandemia, com a proliferação de dispositivos móveis e o acesso facilitado às redes sociais, ocorreu também o crescimento de barreiras para a leitura de livros e outros conteúdos impressos, uma vez que, apesar de ser munida de recursos visuais atrativos, a tecnologia condiciona o gosto por conteúdos curtos que fragmentam a atenção de seus usuários, dificultando, em parte, o desenvolvimento cognitivo que exige leitura mais atenta, prolongada e reflexiva, condições necessárias para a formação de um leitor crítico.

Além de poder contribuir para a formação do leitor crítico, a leitura exerce influência na formação intelectual, amplia o vocabulário, estimula a imaginação e a capacidade de se expressar, de forma clara e assertiva. Por essa razão, nesse sentido, todos, a escola, a família e o Estado têm grande responsabilidade para com as crianças, sujeitos em processo de formação. À família, compete incentivar, por meio de visitas frequentes a bibliotecas, da aquisição de livros adequados ao gosto e à faixa etária das crianças, contação de histórias, ambiente propício à leitura e ser exemplo de leitor. Ao Estado, cabe criar programas de incentivo à leitura, capacitar professores, disponibilizar livros aos estudantes e adequar as bibliotecas.

À escola cumpre, conforme sugere Menezes (2010), oferecer ocasiões de acesso à leitura para que o estudante tenha oportunidade de desenvolver as capacidades básicas do ato de ler, a fim de se tornar um leitor fluente e um usuário competente e crítico de textos e de sua língua.

Concomitantemente, o leitor competente a que cabe à escola formar, como sugere Menezes (2010), é aquele dotado de capacidades básicas de precisão e rapidez no ato de ler que lhe permitem compreender adequadamente o texto, interagir com ele e utilizá-lo a seu favor.

Ser leitor competente, nesse sentido, implica interagir com o texto nos mais diversificados gêneros em que ele se apresente. Leitura crítica pode ser compreendida como estar capacitado para utilizar a linguagem de maneira eficiente, de forma a desenvolver habilidades inerentes ao exercício da cidadania e à atuação do indivíduo na sociedade, além de ser fundamental para a manifestação de opiniões e para a tomada de decisões acertadas. Além do mais, o domínio da linguagem, tanto oral quanto

escrita, possibilita ao cidadão se utilizar da comunicação de forma consci-ente e benéfica nos âmbitos pessoal e profissional.

A leitura crítica também facilita ao leitor inferir, tirar suas próprias conclusões, competência que aponta para uma interpretação adequada do que se lê, para o desenvolvimento cognitivo e induz o raciocínio lógico que, por sua vez, auxilia na resolução de problemas. A leitura de variados gêneros textuais, nesse sentido, permite o contato com diferentes áreas do conhecimento produzido e circulando na sociedade e, conseqüentemente, com diferentes formas de expressão da linguagem humana, possibilitando, assim, o aumento do repertório sociocultural. Por isso, é importante que a educação oportunize diferentes formas de leitura reflexiva, com o intuito de contribuir para a formação de cidadãos que possam atuar satisfatoriamente, por meio da linguagem, especificamente, da leitura, na sociedade contemporânea. Certamente, ser leitor competente está muito mais relacionado à forma como se lida com o texto do que com o simples ato de ler e escrever. Ler de forma competente é também saber extrair benefícios da leitura para utilizá-los no meio social em que se vive. É quase uma forma de sobrevivência na sociedade.

Em outras palavras, Pereira (2006) certifica que o leitor autônomo desenvolve uma série de habilidades que afloram no contato com o texto, como: inferir, concordar, discordar, relacionar diferentes possibilidades leitoras, dentre outras, que, devido à sua importância, tornam-se um direito que deve ser garantido ao aluno.

Outrossim, a leitura amplia o conhecimento, a criatividade e a visão de mundo, uma vez que estimula a interpretação, compreensão e análise, habilidades que podem ser inacessíveis de outra forma, mas que estimulam a capacidade crítica e a reflexão, fatores imprescindíveis atualmente. Por isso, ler não deve ser visto apenas como entretenimento, mas como um direito que deve ser garantido a todas as camadas sociais.

Portanto, é preciso que os órgãos responsáveis busquem garantir o direito à leitura, incentive o seu hábito, no intuito de formar leitores competentes que saibam interagir de forma autônoma, independentemente de sua condição econômica. Esse deve ser o maior objetivo do sistema educacional, porquanto o efeito positivo que o hábito de leitura exerce na vida de qualquer cidadão é incomensurável.

### 1.3. O papel do professor no incentivo à leitura

O professor é um importante mediador do incentivo à leitura de livros, independentemente da disciplina que ministra. A esse respeito, Lajolo (2005) recomenda utilizar o espaço escolar para que os discentes realizem experiências de leitura que os tornem capazes de discernir as diferentes necessidades que poderão surgir ao longo da vida e, assim, saberem buscar nos livros a satisfação de suas demandas, quando se tratar da busca de informações, da aprendizagem ou do lazer. Por isso, o professor deve buscar, ou criar, estratégias para cativar seus alunos para a leitura.

É imprescindível, portanto, que, primeiramente, o professor ofereça oportunidades para que o aluno supere as dificuldades de decodificação, assimile todas as competências relacionadas aos fonemas e adquira fluência na leitura. Depois, é preciso auxiliar o aluno no processo de compreensão do que lê, na reflexão crítica e, ainda, desenvolver grande número de oportunidades de acesso à leitura para que o aluno se acostume e, naturalmente, crie uma rotina de leitura, até despertar nele o hábito de ler. Nesse sentido, Silva (2011) ressalta a disponibilidade de suportes como uma importante ferramenta de motivação para a leitura, mas para tornar a prática da leitura uma ação exercida sem pressão, o professor pode recorrer a estratégias realizadas durante as aulas, como sugerir um livro específico, a fim de despertar a curiosidade para a sua leitura, ao utilizar atividades pré-leitura, como abordar o assunto da obra ou explorar imagens, título, o *design* ou narrar um trecho interessante do livro. Dessa maneira, o aluno se sentirá livre para realizar suas escolhas de leitura, mas, ainda que não leia a obra sugerida, será instigado a escolher um título.

Pimentel (2007) também ressalta as características daquele que pode incentivar a leitura na escola: aproximar o livro do aluno de maneira prazerosa, além de compartilhar com o leitor aquilo que ele próprio vivencia, o prazer de ler e de mergulhar no mundo da leitura. Pereira (2006, p. 46) acrescenta também que o mediador deve se colocar como ponte para auxiliar o aluno a estabelecer relação com o texto.

Em outras palavras, o professor, para ser um incentivador da leitura, deve ser habituado a ela e usar a criatividade, para apresentar situações para que o aluno se sinta atraído e contagiado pelo ato de ler, caminho seguro que aproximará o aluno do livro. Afinal, atividades criativas podem atingir diferentes públicos, e gostos diversos podem ser contemplados, ao mesmo tempo em que se tente aproximar esse leitor da vida real.



Nesse viés, Pereira (2006) salienta que é importante aproximar a leitura na sala de aula das situações reais de seu uso, daquelas realizadas em sociedade, e, cabe aos profissionais da educação cumprir essa tarefa. Para isso, a depender da tipologia textual escolhida e da finalidade pretendida, ao utilizar esses instrumentos sociais de informação, o professor poderá ajudar o aluno a criar e desenvolver suas próprias estratégias de leitura.

Efetivamente, é preciso que o professor mediador deixe a cargo do aluno que ele próprio elabore diferentes estratégias de leitura, oferecendo-lhe diversificadas formas de proceder a essa leitura com as mais variadas finalidades e com o maior número possível de gêneros de textos existentes.

O professor-mediador pode utilizar diferentes gêneros multimidiáticos, como *blogs*, *memes*, *jingles*, anúncios publicitários, resenhas críticas, artigos de opinião, cartas do leitor, dentre outros, para formar o hábito de leitura, utilizando-se deles para instigar a leitura de obras literárias, como, por exemplo: criar um desses gêneros, baseando-se na obra lida, ou no personagem principal da obra, ou num trecho do livro; criar uma *hashtag* nas redes sociais, para que os alunos possam fazer publicações sobre a obra lida, dentre outras infinitas possibilidades de ação.

Igualmente, Lajolo (2005) defende que a escola deve buscar incentivar a leitura através de estratégias dinâmicas e criativas, porém, primeiramente, precisa ter uma biblioteca organizada com livros separados por tema, para facilitar a busca dos alunos, e apropriados para a faixa etária atendida. Depois, é preciso organizá-los no espaço em que eles ficarão expostos. Sendo uma biblioteca ou não, é preciso ter um espaço acolhedor, aconchegante, limpo e organizado para receber leitores e não leitores.

É preciso que os livros fiquem ao alcance das mãos para que sejam manuseados, folheados e emprestados e, como afirma Pimentel (2007), por contribuir para o enriquecimento cultural de seus usuários, a biblioteca deve disponibilizar aos jovens suportes com poesias, histórias em quadrinhos, romances, crônicas, piadas, receitas, dentre outros. Uma vez que adolescentes estão sempre em busca de novidades, é interessante que a escola ofereça livros com o maior número possível de temas que lhes interesse, e sempre renove seu estoque.

Como prática de incentivo à leitura, Lajolo (2005) sugere que a escola realize um dia dedicado à leitura, a fim de envolver toda a comunidade escolar, para contar aos alunos suas experiências de leitura, além de promover rotineiramente, em dias da semana preestabelecidos, momentos

exclusivos para essa prática, pois segundo a autora, “é quando vemos e ouvimos pessoas lendo, quando participamos de ambientes em que livros e leituras se fazem presentes, que nos tornamos leitores” (LAJOLO, 2005).

Por sua vez, é importante que o professor seja um intermediário desses momentos de leitura, que conte histórias, leia em voz alta para seus alunos com entonação de voz apropriada a cada gênero, conheça os livros do acervo da escola e os indique aos seus alunos. Mas, para isso, é importante preparar um ambiente confortável, acolhedor e que, além de realçar, convide à leitura e organize o tempo e o espaço da leitura, de acordo com a disponibilidade de ambientes oferecidos pela escola, e incentivar os alunos a lerem individualmente, em dupla ou em grupo, a fim de ensiná-los a se concentrarem e a ouvirem respeitosamente os colegas (Cf. LAJOLO, 2007).

## **2. Metodologia da Pesquisa**

Nesta diagnose, utilizou-se a pesquisa bibliográfica e a quantitativa. A primeira, com a abordagem de obras cujos autores apontaram a importância do hábito de leitura, sua relação com a aprendizagem escolar e o papel do professor como mediador no incentivo à leitura de obras literárias. A segunda, a pesquisa quantitativa, possibilitou coletar as respostas às perguntas do questionário que foram somadas e sistematizadas em gráficos para a análise e discussão dos dados, mas que não serão reproduzidos neste texto, devido ao espaço limitado.

O questionário, que se encontra no apêndice deste artigo, é composto de 12 (doze) questões que buscaram, além dos dados pessoais, conhecer os gostos literários dos envolvidos, suas práticas de leitura, condições para sua realização, disponibilidade de acesso aos livros na escola e em casa, dentre outras práticas. Foi aplicado a todos os 67 alunos dos Anos Finais da Escola Estadual de Boa Vista, em Januária, Norte de Minas Gerais, na própria escola, durante um período de 1 (uma) hora/aula em cada turma.

## **3. Resultados e Discussão**

Dividido em duas partes, o questionário solicitava dados de identificação do aluno e sobre seus hábitos de leitura.

Nas respostas à primeira pergunta (Você gosta de ler?), constatou-se que 21% gostam muito e 59% gostam pouco, em detrimento de 11% que alegaram não gostar de ler, mas reconheceram ser uma habilidade necessária, e 9% que não afirmaram não gostar de ler, mas também que não querem ler mais.

Dentre os 20% que, para responder à primeira pergunta, alegaram não gostar de ler, atribuíram as seguintes razões: 42% por ser uma atividade cansativa, 33% não encontravam livros do seu gosto, 9% ocupavam o tempo com atividades mais interessantes, 8% leem devagar e, por isso, perdem a paciência e 8% deram outros motivos.

À pergunta “Para você, como é sua leitura?” as respostas foram organizadas separadamente: os que disseram gostar de ler em comparação com os que disseram não gostar. Quanto aos que afirmaram gostar de ler, 48% leem rapidamente, 45% vagorosamente, 7% silabando e nenhum com muita dificuldade. Dos que alegaram não gostar de ler, 46% leem rapidamente, 46% vagorosamente, 8% silabando e nenhum com muita dificuldade.

Quanto ao diagnóstico com relação à compreensão do que se lê, à pergunta (Você entende o que lê?), 60% disseram que sim, 37% às vezes e 3% não compreendem sua leitura.

Tendo em vista conhecer a rotina de leitura dos pesquisados, foi-lhes feita a pergunta “Quantos livros você leu nos últimos 3 meses?”, à qual 57% responderam ter lido entre 1 e 5 livros, 10% entre 5 e 10 livros, 8% mais de 10 e 25% não leram livro algum nesse período. Com o objetivo de saber a quantidade de livros existentes em casa, 36% disseram possuir entre 1 e 10 livros, 27% mais de 10 e 37% nenhum livro para ler em casa, e 38% afirmaram não ter um espaço adequado em casa para ler, estudar ou fazer tarefas escolares, enquanto 62% alegaram ter esse espaço. Por isso, 72% disseram que leem na cama, 21% no sofá, 1% na cadeira, nenhum na rede e 6% em outros ambientes. Porém, apesar de a maioria possuir poucos livros em casa, 64% disseram que seus pais sempre os incentivam a ler, 30% afirmaram que esse incentivo ocorre às vezes e 6% nunca receberam o incentivo dos pais para lerem. Esse incentivo é atribuído: 54% aos pais, 28% aos professores, 6% ao professor da biblioteca da escola, nenhum incentivo dos colegas e 12% não receberam incentivo algum.

Dentre os que leem, escolhem um livro da seguinte forma: 51% pelo título, 18% pela capa, 12% pelas imagens que possui o livro, 9% por indicação do professor, 6% pela grossura do livro e 4% por indicação de

um colega. Atribuíram ainda as seguintes razões para a leitura de livros: 42% para aprender mais, 24% porque gostam, 21% para passar o tempo, 7% são obrigados por alguém e 6%, porque os professores pedem.

Ao analisar os dados, constatou-se que o número de adolescentes que gostam de ler estava abaixo do desejável, que deveria ser 100%, número necessário, dado ao fato que a leitura é um direito de todos por influenciar significativamente a vida pessoal e profissional dos cidadãos.

As razões que motivaram 20% dos alunos a não gostarem de ler, pode se dever ao fato de que quase a metade dos entrevistados impacientam-se durante a leitura, porque leem vagarosamente (46%) ou silabando (8%). Sendo a fluência leitora essencial para que a compreensão do que se lê se estabeleça, uma vez que esta é a base para a criação do hábito de leitura, pode ser esta a principal razão para que 20% dos entrevistados tenham alegado não gostarem de ler. Este dado revela, ainda, que esta escola necessita desenvolver estratégias para melhorar a fluência leitora de seus alunos, para aqueles que gostam e para os que não gostam de ler, uma vez que os que alegaram gostar de ler também revelaram ler vagarosamente (45%), ou silabando (7%).

Além disso, é preciso aumentar o número de aulas com que se trabalha o incentivo à leitura em sala de aula, o que pode ocorrer por meio da indicação mais frequente de livros e da organização do acervo da escola por temas e a disponibilização desses livros para empréstimo, já que se constatou que, estranhamente, são os pais (54%), e não o professor (28%), os apontados como maioria no incentivo à leitura, e por grande parte dos entrevistados (33%) alegarem não conseguir localizar livros com temas que gostariam de ler.

Também, é preciso que esta escola utilize mais aulas com estratégias que auxiliem a compreensão textual, porque quase metade (40%) dos alunos afirmaram ter dificuldade para compreender o que leem, habilidade necessária para desenvolver o hábito de leitura.

Em relação à família, apesar de ser apontada como a maior incentivadora da leitura (54%), não oferece as condições apropriadas, como livros e lugar adequado para se ler (38%), aspecto que revela que o incentivo é feito apenas através de conselhos e não de ações. Por outro lado, a escola possui as ferramentas adequadas, porém, não utiliza estratégias satisfatórias para desenvolver o hábito de leitura, nem despende tempo com a motivação para se ler, fator essencial para mudar o cenário atual da leitura no

país, que, ainda trava uma guerra quase imbatível com as tecnologias e redes sociais.

#### **4. Considerações finais**

Esta diagnose apontou a família como a principal responsável pelo incentivo à leitura de 80% dos alunos que disseram gostar de ler livros literários. Em contrapartida, revelou que grande parte das famílias não possui locais apropriados para estudos ou leitura em casa, nem livros literários. Por outro lado, a escola, apesar de ser apontada como a segunda incentivadora, detém os recursos materiais adequados como o suporte livros literários e biblioteca, mas precisa se utilizar de estratégias para mudar o cenário de 81% dos alunos que ainda escolhem os livros pela capa.

Além disso, os resultados deste trabalho evidenciaram a relevância do papel da escola e da família no incentivo à leitura, e apontaram que esta escola precisa adaptar suas práticas para sanar as dificuldades com a decodificação, fluência e compreensão leitora, condições indispensáveis para se formar um leitor assíduo e competente, já que há indícios de que tanto alunos que gostam quanto os que não gostam de ler são habituados à leitura ainda que o façam silabando. Por outro lado, a família, grande incentivadora da leitura, não consegue formar leitores assíduos sem o auxílio da escola, porque não possui os recursos básicos necessários, como os livros. Dessa maneira, a escola precisa adaptar seu trabalho para enfrentar os empecilhos à leitura e mostrar aos alunos que esta pode ser uma prática prazerosa e não somente necessária à aprendizagem.

Em suma, esta pesquisa revelou que as principais razões que influenciam alunos a não gostarem de ler se deve à falta de incentivo à leitura por parte da escola, às dificuldades com a fluência durante a leitura, dificultam a compreensão, bem como aos poucos recursos oferecidos pela família necessários à prática de leitura, como livros do seu gosto e locais apropriados para a leitura.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

COENGA, Rosemar. *Leitura e letramento literário: diálogos*. Cuiabá, MT: Carlini & Camato, 2010.

LAJOLO, Marisa. *Meus alunos não gostam de ler... O que eu faço?*. Ministério da Educação. Cefiel/IEL/Unicamp, 2005–2010.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. *A importância das leituras de livre escolha na formação do leitor*. Universidade Federal de Tocantins. Via Atlântica, nº 14, dezembro, 2008.

MENEZES, Isilda Maria Santos Leitão. *Hábitos de leitura de alunos dos 2º e 3º ciclos do ensino básico e impacto na aprendizagem: Concepções de alunos, professores e professores bibliotecários*. Lisboa, 2010.

NEVES, Sónia Fernandes Silva. *Hábitos de leitura e sucesso escolar – um estudo de caso em alunos no final do ensino básico*. Universidade Portuguesa Infante D. Henrique, 2010.

PEREIRA, Andréa Kluge. *Biblioteca na escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

PIMENTEL, Graça; BERNARDES, Liliane; SANTANA, Marcelo. *Biblioteca escolar*. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

SILVA, José Aroldo. Artigo de estudos de linguagem – Discutindo sobre leitura. *Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Curso de Letras-UNIFAP*, v. 1, n. 1, Janeiro a Junho de 2011.

### Apêndice

Questionário 01: Questionário aplicado aos alunos da pesquisa, elaborado pelas pesquisadoras.

1 – Dados sobre o aluno

1.1 – Qual é o seu nome? \_\_\_\_\_.

1.2 – Qual é a sua idade? \_\_\_\_\_.

1.3 – Em que série você está estudando atualmente (2019)? \_\_\_\_\_.

1.4 – Qual é o seu sexo? \_\_\_\_\_.

2 – Dados sobre a leitura

2.1 – Você gosta de ler?

( ) Sim, muito.

( ) Sim, um pouco.

( ) Não, mas, gostaria.

( ) Não, e não gostaria de ter que ler.

OBSERVAÇÃO: Se você respondeu SIM, à questão anterior, responda:

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Que livro você mais gostou de ler? \_\_\_\_\_.

OBSERVAÇÃO: Se você respondeu NÃO, assinale a resposta nas opções a seguir.

Por quais motivos você não gosta de ler?

- Ler é cansativo. (Ou atividade cansativa.).
- Ocupo meu tempo com atividades mais interessantes.
- Não encontro livros do meu gosto.
- Leio muito devagar, por isso perco a paciência.
- Outros: \_\_\_\_\_.

2.2 – Como você classificaria seu modo de ler? Leio

- rapidamente.
- vagarosamente.
- silabando.
- com muita dificuldade.

2.3 – Você entende o que lê?

- Sim.
- Não.
- Às vezes.

2.4 – Quantos livros você leu nos últimos 03 meses?

- Nenhum.
- 1-5
- 5-10
- Mais de 10.

2.5 – Como você escolhe um livro para ler?

- Por indicação do professor.
- Por sugestão de colega.
- Por seu título.
- Por sua capa.

**XXVII CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

Pelo número de páginas.

Por suas imagens.

2.6 - Em geral, por que você lê?

Porque me obrigam a ler.

Porque gosto.

Porque quero aprender mais.

Para passar o tempo.

Porque os professores exigem.

2.7 – Quantos livros há na sua casa?

Nenhum.

1-10.

Mais de 10.

2.8 – Em sua casa há um espaço para estudar, ler ou fazer as atividades extraclasse?

Sim.

Não.

2.9 – Se respondeu NÃO à pergunta anterior, onde você costuma ler em casa?

Na cama.

No sofá.

Na rede.

Na cadeira.

Outros: \_\_\_\_\_.

2.10 – Seus pais incentivam você a ler?

Sim, sempre.

Sim, às vezes.

Não, nunca.



*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

2.11 - Em geral, quem incentiva você a ler?

- ( ) Meus pais.
- ( ) O professor(a) de português.
- ( ) A professor(a) da biblioteca da escola.
- ( ) Os colegas.
- ( ) Ninguém.

2.12 – Que livros você gostaria que a biblioteca da escola tivesse?

Local: Escola Estadual de Boa Vista.

Data: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.